ECLESIOLOGIA E RESISTÊNCIA. AS CRÍTICAS DE COMBLIN E PAPA FRANCISCO AO PODER PASTORAL: VISÕES DE MUNDO PARA ALÉM DA JANELA

Edelcio Serafim Ottaviani

1 INTRODUÇÃO

Num artigo intitulado *Teologia a Marteladas*, procurei mostrar, junto com Anderson Frezzato, o quanto Comblin se sentia atraído por conhecer o mundo para além das representações clericais de sua família e das instituições educacionais que frequentou, antes de entrar no Seminário São José, de Malinas, aos 17 anos. O Pe. Philippe Dupriez, ex-pároco da Igreja da Santíssima Trindade, da qual participava a família de Comblin, me contou, em entrevista concedida em 30 de junho de 2017, que Colette, irmã mais nova do Pe. José, por diversas vezes, falara de sua impressão ao vê-lo, ainda criança, olhar demoradamente o que se passava na rua para além da grande janela da sala de estar (Cf. OTTAVIANI; FREZZATO, 2018, p.607).

Parto então dessa narrativa para desenvolver uma reflexão a respeito desse gesto: olhar demoradamente para o que se passa além da janela. Num primeiro momento, com o auxílio do pensamento de Michel Foucault, procurarei ressaltar os possíveis significados orbitando o olhar e o ultrapassar o limiar de uma janela. Num segundo momento, por meio das contribuições de biógrafos e historiadores, mostrarei as implicações deste ultrapassar o limiar da janela na vida e no pensamento de José Comblin, bem como as aproximações que podemos fazer desse gesto com os gestos marcando o início do pontificado do Papa Francisco. Por fim, no espaço situado para além da janela, apresento pequenas notas relativas ao poder pastoral e as resistências a essa forma de poder em alguns momentos da história. Tais notas emanam de ambos, cujos pés estão bem fincados no espaço real, fora do quadro, dentro dos limites do tempo e do espaço, e apoiados numa relação íntima com a pessoa de Jesus e a carne sofrida dos pobres.

2 REPRESENTAÇÃO DA JANELA À LUZ DE MICHEL FOUCAULT

Em sua crítica às Ciências Humanas, expressa no livro *As Palavras e as Coisas* (1966), Michel Foucault (1926-1984) procura mostrar as camadas constituindo os diferentes modos de conhecer e nominar por palavras as coisas que nos cercam. Aos moldes de uma descontinuidade, em que se vê uma determinada visão de mundo ser suplantada por outra, a análise histórica do filósofo francês inova ao trazer à luz, no âmbito dos temas relacionados ao homem (vida, trabalho e linguagem), a noção de *epistéme*. É por meio da análise da pintura *As Meninas*, do pintor espanhol Diego Vélazquez (1599-1660), que Michel Foucault introduz a crítica às Ciências Humanas, e inaugura, de forma mais sistemática, o que Pierre Burgelin denominará de "Arqueologia do Saber". (BURGELIN, 2009, p.221) Não é nossa intenção apresentar aqui a densidade do teor das análises foucauldianas presentes numa obra, publicada menos de um ano após o término do Concílio Vaticano II e dois anos antes da revolução estudantil de maio de 1968 e da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Medellín. Tampouco iremos abordar a polêmica orbitando sua aparição na cena intelectual francesa e dela para todo o mundo. Nossa intenção, ao trazer à baila ideias desse livro, é de situar melhor a densidade que atribuímos ao subtítulo deste artigo: "as críticas de Comblin e do Papa Francisco ao Poder Pastoral: visões de mundo para além da janela".

Como diz Foucault, se no final do século XV, tempo da prosa do mundo, tudo é passível de interpretação – e o sábio, movido pela noção de semelhança, lê os sinais impressos nas próprias coisas, seja desvendando a ligação de uma à outra por *conveniência*, *emulação*, *analogia* ou *simpatia*, seja determinando por esses mesmos elementos aquelas que não vão de par –, nos séculos XVI e XVII, já não é mais a semelhança a determinar o conhecimento do mundo e as leis estabelecidas pelo criador, mas a *máthêsis universalis* (para as naturezas simples) ou a *taxinomia* (para as naturezas complexas) (Cf. FOUCAULT, 2007, p.99), classificando o ser de cada coisa, por meio da ordenação. O cartesianismo não funda este campo, mas o perfila. Encontramos, portanto, a presença e a ação da Ordem na gramática geral, na história natural, na análise das riquezas "no absolutismo real, nas regras

da tragédia ou na arte dos jardins" (REVAOULT d'ALLONES, 2009, p.153). Não é, pois, Descartes que inaugura esse modo de proceder com seu método, mas é seu método que se profila segundo os moldes deste *a priori histórico,* moldando o pensamento de toda uma época. Nos séculos XVIII e XIX, emerge outra *epistéme*. A gramática geral, a história natural e a análise das riquezas se transformam em filologia, biologia e economia, conhecimentos sintéticos que tematizam a linguagem, a vida e o trabalho, todos ligados à condição humana. As sínteses objetivas operadas pela razão não destroem a existência da representação clássica, própria aos séculos XVI e XVII, mas a operam de um modo diverso, configurando não um continuum, mas uma ruptura em relação ao modo anterior de enxergar as coisas. Estas escapam de um enquadramento exterior e se instalam num espaço interno (estrutura mental humana) que, para nossa representação, está no exterior. É a revolução copernicana que Kant vê se produzir nele próprio ao analisar os limites da razão. Marcada pelo advento dessa nova *epistéme*, "a representação que se faz das coisas não tem mais que desdobrar, num espaço soberano, o quadro de sua ordenação; ela é, do lado desse indivíduo empírico que é o homem, o fenômeno – menos ainda talvez, a aparência – de uma ordem que pertence agora às coisas mesmas e à sua lei interior" (FOUCAULT, 2007, p.431). Nesta nova forma de entendimento da representação, "os seres não mais manifestam sua identidade, mas a relação exterior que estabelecem com o ser humano" (FOUCAULT, 2007, p.431). Surge, por conseguinte, a Antropologia, como analítica do homem, e dela as outras ciências que lhe dizem respeito: a sociologia, a psicanálise e a etnologia. Um tanto recentes, em relação às ciências que as precederam, serão justamente as duas últimas aquelas que darão fundamento às palavras de Foucault inscritas na última página do livro: "o homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo" (FOUCAULT, 2007, p.536).

Como afirma Madeleine Chapsal, se em a *História da Loucura* o filósofo francês ataca a ideia que a modernidade clássica forjou da razão, excluindo os denominados "loucos", a fim de poder definir e constituir o grupo dos homens ditos "razoáveis", em *As Palavras e as Coisas* ele procura mostrar que "a ideia que se fez do homem, e sobre a qual repousa essa filosofia do homem nominada humanismo, é uma invenção recente" (CHAPSAL, 2009, p.61) e provavelmente destinada a desaparecer. O autor anuncia a morte do homem, baseando-se nas descobertas da psicanálise, para a qual uma teoria geral do homem ou uma antropologia

é estranha (Cf. FOUCAULT, 2007, p.521), e da etnologia, ao traçar "o contorno das representações que os homens, numa civilização, se podem dar de si mesmos, de sua vida, de suas necessidades, das significações depositadas em sua linguagem" (FOUCAULT, 2007, p.524). Seguido do anúncio da morte de Deus, prenuncia-se o crepúsculo da representação que se tem do homem (Cf. FOUCAULT, 2007, p.534). As consequências desse pensamento, diz Chapsal, tem implicações políticas, pois mostrar a fragilidade do humanismo, "é mostrar a fragilidade de toda política, cristã ou marxista, que quer se apoiar sobre uma imagem, boa ou má, que se faz do homem" (CHAPSAL, 2009, p. 61).

Vejamos agora alguns aspectos da descrição que Foucault faz da tela *As Meninas* e que serve de referência, do início ao fim do livro, para pensar a ideia que, em diferentes épocas, se fez e se faz do homem. 'Um quadro dentro de um quadro, num jogo de múltiplas representações, jogando a alternância entre visibilidade e invisibilidade' – resumidamente é o que podemos deduzir da primorosa descrição foucauldiana da pintura de Velázquez, tomada pelo filósofo como *status* da mais pura representação clássica própria aos séculos XVI e XVII (Cf. d'ORMESSON, 2009, p. 206). A descrição que Foucault faz de *As Meninas* é primorosa. Raymond Bellour a cita como a mais bela análise de um quadro que ele pôde ler (Cf. BELLOUR, 2009, p. 47), pois, por meio das palavras do filósofo, somos levados a contemplar o quadro em que o pintor espanhol se faz representar por detrás de sua tela, "cujo espectador, situado no lugar do modelo da pintura, não vê mais do que o reverso, ao passo que ele adivinha com dificuldade num espelho a imagem do Rei e da Rainha, dos quais ele ocupa agora o lugar – lugar que era também, antigamente, do próprio pintor, ao pintar o quadro" (d'ORMESSON, 2009, p.206). O que se vê é "o espaço da representação clássica toda em espelhos, reflexos, imitações, em retratos" (d'ORMESSON, 2009, p. 206). Paradoxalmente, estão ausentes o modelo, o espectador e o pintor reais. "A invisibilidade profunda do que se vê é solidária da invisibilidade daquele que vê" (FOUCAULT, 2007, p.20). E é a partir deste espaço de invisibilidade, exterior ao quadro, que se torna possível a representação (Cf. FOUCAULT, 2007, p.19).

Além dessas três figuras (reais), ausentes no quadro, Foucault chama a atenção para três elementos presentes na cena pintada, que possibilitam cogitar o que está sendo efetivamente pintado: a grande tela, o espelho ao fundo da sala e a janela. A face

dianteira da primeira "mostra de frente o que ela, por sua posição, esconde" (FOUCAULT, 2007, p.12); o espelho "vai buscar aquilo que é olhado, mas não visível, a fim de, no extremo da profundidade fictícia, torná-lo visível, mas indiferente a todos os olhares" (FOUCAULT, 2007, p.13), ou seja o rei Filipe IV (1605-1665) e a rainha Mariana (1634-1696); por fim, a janela. Esta é representada à direita do quadro espalhando luz tanto sobre o volume que a tela representa (o ateliê do pintor, ou a sala em que instalou seu cavalete) quanto sobre o volume real que o espectador ocupa. A luz intensa que a atravessa impele o espectador em direção ao pintor e o modelo em direção à tela. "Assim a janela, pura abertura, instaura um espaço tão manifesto quanto o outro é oculto" (FOUCAULT, 2007, p.7).

Deixo agora de lado as descrições foucauldianas sobre a pintura de Velázquez, e as grandes questões levantadas em torno de *As Palavras e as Coisas*, para me ater a esse lugar comum, mas não menos importante em nosso texto versando sobre as aproximações entre José Comblin (1923-2011) e o Papa Francisco (1936), do qual emergem suas respectivas críticas ao poder pastoral, bem como a resistência de ambos frente ao clericalismo. Falo do lugar real que a luz da janela insinua, que o espelho sutilmente revela e que o quadro esconde. No caso de Comblin e Papa Francisco , falo da vontade e da atitude dos dois em transpor os limites de uma visão de mundo retratada por uma sucessão de telas, da qual a existência concreta se vê excluída ou discretamente apontada, como a imagem do visitante no fundo da pintura, que parece surgir de fora, no limiar da área representada (Cf. FOUCAULT, 2007, p.13).

3 COMBLIN E O PAPA FRANCISCO: VISÕES DE MUNDO ALÉM DA JANELA

Muito embora os estudos de Michel Foucault tenham mostrado que homens e mulheres são marcados por determinado *a priori histórico* ou, como ele mesmo define, por certa *epistéme*, estruturando e conduzindo modos de ser e de pensar nos múltiplos campos do conhecimento, não é absolutamente evidente que todos os homens de um mesmo tempo sejam exatamente contemporâneos e reflitam adequadamente a *epistéme* de seu tempo. É o que atesta Pierre Burgelin, no rastro de Gaston Bachelard (1884-1962) (Cf. BURGELIN, 2009, p.239). Segundo ele, nota-se a sobrevivência do universo simbólico e mágico em Jacob

Boehme (1575-1624), Leibniz (1646-1716) e Schelling (1775-1854), como a teosofia em Balzac (1799-1850), Hugo (1802-1885) e Baudelaire (1821-1867) (Cf. BURGELIN, 2009, p.239). É o que se pode observar também na família e no universo educacional do jovem Comblin. Monica Muggler, pelas conversas, e Antonio Montenegro, por entrevista, atestam como algumas experiências marcaram profundamente a forma de ser e pensar de José Comblin. As vivências das primeira e segunda grandes guerras fizeram com que, em sua casa e na maior parte das famílias de sua geração, não houvesse espaço para o desperdício, a ociosidade e o gasto desnecessário. Economia, austeridade, o medo de passar fome e a lida pela sobrevivência – pautada na honestidade – permitiram-lhe a preparação e a **resistência** necessárias, anos mais tarde, ao enfrentamento da estrutura neoliberal do consumo e do descarte desenfreados, bem como das práticas ilícitas de corrupção ativa e passiva visando a um enriquecimento rápido.[1] Se esses são os aspectos positivos de sua educação, Comblin soube, desde cedo, discernir também aqueles que, ao seu ver, não lhe permitiriam ir nem ao centro da mensagem evangélica nem ao encontro das grandes questões referentes à crescente urbanização e à irredutível secularização, marcando profundamente o *a priori histórico* de nosso tempo.

A educação rígida dos pais de Comblin, baseada nos valores religiosos recebidos na zona rural, não permitia que eles tivessem qualquer contato com os filhos dos "liberais" ou "socialistas", tidos como anticlericais e uma má influência para a fé e a moral cristãs (Cf. MUGGLER, 2013, p.28). A Antonio Montenegro, assim como a Mônica Muggler, Comblin lamentava que seus pais, na determinação de oferecer e preservar uma sólida formação católica aos filhos, acabaram por lhes proporcionar uma educação formal aquém das condições necessárias para enfrentar os reais problemas da contemporaneidade. Para suprir em parte essa lacuna, e por ter se destacado nos estudos durante os dois anos em que passou no Seminário Maior (*Grand Séminaire*). Diferentemente do que acontecia com os mais de 300 alunos que ali viviam, foi lhe concedida a licença junto ao bispo, por intermédio de Gustave Thils (1909-2000), para frequentar "o Inferno", ou seja, a sala da biblioteca destinada a abrigar os livros de todos os pensadores e filósofos franceses, desde Descartes (1596-1650) até

[1] Cf. MUGGLER, Monica. *Padre José Comblin*: uma vida guiada pelo Espírito. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2013, p. 26; Cf. MONTENEGRO, Antonio Torres. *Travessias*: padres europeus no Nordeste do Brasil (1950-1990). Recife: CEPE, 2019, p. 111. Ambos narram a recordação de Comblin a respeito da recusa que seu pai fizera de presentes oferecidos por um representante de uma fábrica de automóveis aos seus filhos na festa de São Nicolau, o que para Firmino Comblin significava uma tentativa de corrompê-lo.

Bergson (1859-1941), que na época da Escola elementar e do Liceu se encontravam na lista dos Livros Proibidos (Cf. MONTENEGRO, 2019, p.20).

Tal qual a criança olhando para além dos batentes e vitrais da janela, o jovem seminarista, e depois sacerdote e missionário José Comblin, faria de sua existência um exercício constante de olhar para a vida além dos limites estreitos da representação clerical. Jovem padre, decepcionou-se ao perceber a distância que havia entre o que era ensinado na Universidade e o que era vivido pastoralmente nas paróquias. Em sua experiência de vigário cooperador na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Bruxelas, não precisou de muito tempo para perceber que a pastoral da Igreja seria abandonada em uma geração. A melhoria das condições materiais que seguiu o Pós-guerra, entretanto, impedia que os padres abrissem seus olhos à diminuição da frequência aos sacramentos. "Os valores cristãos trazidos desde o mundo rural estavam sendo substituídos pelos valores da nova sociedade: dinheiro, consumo, competição, gozo" (MONTENEGRO, 2019, p.124). Estes penetravam sub-repticiamente as salas e os salões paroquiais e possibilitavam que a condição material das paróquias se mantivesse economicamente cada vez mais próspera. Sem se fazer notar, tal prosperidade mantinha o clero completamente cego e o conduzia dia-após-dia rumo ao suicídio. Ao perceber que a Igreja nada fazia para **resistir** à invasão de uma civilização materialista voltada ao consumo, e para não ser ele próprio consumido pelo desespero de vê-la num caminho de decadência e desintegração, resolveu, em 29 de junho de 1958, partir para o Brasil.

Sua vinda à América do Sul, por intermédio do Colégio para a América Latina (COPAL), foi o raio de luz a convidá-lo mais uma vez a ultrapassar os limites da janela que teimavam encerrá-lo numa estrutura clerical preocupada em manter a identidade sacerdotal mais do que a evangelização do mundo operário. A condenação dos teólogos da *Nouvelle Théologie*, acompanhada da condenação dos padres operários na França, jogaram por terra o fio de esperança animando o jovem sacerdote e teólogo de ver a Igreja ser aceita no mundo popular e urbano (Cf. MONTENEGRO, 2019, p. 125). Muito embora estimasse pessoalmente os padres com os quais trabalhava, seu elevado grau de observação o inclinava a perceber que as reuniões conjuntas giravam em torno do mesmo assunto: 'Como ter mais gente? Como aumentar nossa influência política? O que construir? Onde arranjar dinheiro?' Jamais o Evangelho era a preocupação. Este só servia no momento do sermão e da catequese (Cf.

MONTENEGRO, 2019, p.126). A preocupação, no fundo, era com o poder, com o reforço do poder, sem perceber que, fatalmente e gradativamente, perdia-se o que desejavam conquistar. O jovem sacerdote tinha consciência de que a busca obsessiva pelo poder e o projeto de evangelização são incompatíveis, pois o Evangelho não faz mais do que atrapalhar os projetos de poder (Cf. MONTENEGRO, 2019, p.126). Assim, o jovem vigário e futuro missionário passou a assumir o lugar real do quadro descrito por Foucault e começou a observar o mundo a partir do solo em que estariam situados ele próprio e a Igreja da qual fez parte, desde o batismo até o dia de sua morte. Diocesano, teólogo, missionário, vivendo na cidade, mas sempre em diálogo com o interior (sertão); inclinado à elaboração de uma Teologia da História e um dos maiores incentivadores e colaboradores da Teologia da Libertação, Comblin entrou ele próprio para a história ao ser expulso do Brasil e do Chile por suas críticas aos regimes ditatoriais.

Jorge Mario Bergoglio (1936), antes de se tornar o Papa Francisco, entrou também para a história ao ser acusado, por dois de seus confrades, Orlando Yorio (1932- 2000) e Franz Jalics (1927-2021), de não os ter amparado durante o regime militar. Dado que o próprio Jalics poucos dias depois da eleição de Bergoglio, emitira uma declaração dizendo: "*Orlando Yorio y yo no fuimos denunciados por el padre Bergoglio*" (IVEREIGH, 2015, p.185) – fora afastada toda polêmica referente a esse caso, não sem ter deixado marcas na vida de Pe. Bergoglio e em sua relação com a Companhia de Jesus. Jesuíta e professor de literatura – sem nunca ter saído da Argentina para uma longa missão, salvo quando foi estudar na Alemanha – esteve sempre atento às raízes religiosas do povo latino-americano e se tornou um adepto da Teologia do Povo, corrente argentina da Teologia da Libertação. Apesar das distinções apresentadas, e que caracterizam a singularidade de cada um, há algo que aproxima profundamente o teólogo e o bispo de Roma. Tal qual José Comblin, o Papa Francisco transpôs também os limites da janela em que a Cúria Romana procurava mantê-lo, desde o dia de sua eleição.

Muito já se falou e transmitiu a respeito da cena sucedendo a emissão da fumaça branca, aos 13 de março de 2013 na Praça São Pedro. Numa noite fria e chuvosa de inverno, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio apareceu no balcão principal da Basílica vestido de branco, depois de ter sido anunciado pelo Cardeal Tauran (1943-2018) e cercado dos Cardeais Vallini (1940) e Hummes (1934). Minutos antes ele havia recusado sentar-se na cadeira ornamentada

que lhe trouxeram para ser saudado pelos demais cardeais presentes no conclave. Na capela Paulina, tal como exigiam as regras da eleição papal reformadas por Bento XVI (1927) (Cf. IVEREIGH, 2015, p. 484), ajoelhara-se e, em oração, percebera a força do Espírito apoderando-se dele. O medo que sentira logo após o término da votação, mediante o peso colocado sobre seus ombros (Cf. IVEREIGH, 2018, p.484), fora afastado. Monsenhor Dario Viganò (1962), então diretor da Televisão Vaticana, havia registrado o semblante mudado, não mais pesaroso, mas sorridente, bem como o olhar não mais direcionado para baixo, mas para frente, indicando que estava ali um homem transformado e que, tal qual o pobrezinho de Assis, perguntava ao Senhor como deveria fazer aquilo que precisava ser feito.

Como diz Austen Ivereigh (1966), a nova era franciscana havia começado com um "boa noite". Numa linguagem informal, o novo papa disse às duzentas mil pessoas que se encontravam na Praça São Pedro que os cardeais o haviam buscado "quase no fim do mundo" (IVEREIGH, 2015, p.486). A julgar pelas coisas que estão se passando no Brasil atual, as palavras de Bergoglio tem sabor de profecia. Depois de convidar o povo a rezar por seu antecessor, apresentou-se, primeiro, como bispo de Roma, antes de pronunciar as primeiras palavras como Papa. E ao fazê-lo, convidou os bispos e toda gente a iniciar uma caminhada, cujo trajeto seria presidido na caridade pela Igreja de Roma, junto a todas as Igrejas particulares; numa viagem de irmandade, amor e confiança entre todos (CF. IVEREIGH, 2015, p.486). O emprego da fórmula "presidir na caridade" dava o tom. Apesar de poucos lhe prestarem atenção, por meio dela Bergoglio indicava a relação que desejava empreender entre a Igreja universal e a Igreja local. A colegialidade tão propalada pelo Concílio, e vivenciada na II Conferência do CELAM (Medellín/Colômbia – 1968), entrava na agenda do projeto pontifical. Segundo Ivereigh: a Grande Reforma havia sido anunciada ali, por gestos significativos e expressões precisas, no limiar da janela ao balcão. Por fim, o sinal mais marcante: o sumo Pontífice se inclina e pede a benção para o povo de Roma, reunido na Praça São Pedro. Com esse comovedor gesto de reciprocidade, Bergoglio instaurava um vínculo duradouro com o santo Povo fiel de Deus (Cf. IVEREIGH, 2015, p. 486) para somente depois conceder a benção "*urbi et orbi*" à cidade de Roma, ao mundo inteiro e a toda gente de boa vontade. A cena no balcão rompia com toda a representação anterior do poder papal, tantas vezes vista da janela do apartamento pontifício, e abria espaço para o sopro do Espírito reverberando a voz de Jesus no momento do Lava-pés: "*Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor,*

vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros" (Jo 13, 14). Após a apresentação, o novo Papa regressou com os eleitores à Casa Santa Marta, no ônibus fretado, depois de ter recusado o automóvel papal.

No dia seguinte, dirigiu-se num simples veículo policial à Basílica de Santa Maria Maior e depositou aos pés da imagem da protetora do povo romano (*Salus Populi Romani*) um pequeno ramo de flores, passando rapidamente pela capela onde Santo Inácio celebrara sua primeira missa em 1538. De retorno ao Vaticano, deteve-se na *Via della Scrofa* para pegar sua maleta no hotel em que se instalara antes do início do Conclave, não sem antes pagar ele próprio a conta, para espanto de todo o pessoal. Após ter celebrado a missa da tarde com os cardeais eleitores, precedida da dispensa dos mestres de cerimônias que teimavam em instruí-lo sobre "como proceder" durante a celebração, entrou em seus aposentos papais, em companhia do prefeito da Casa Pontifícia, o arcebispo Georg Gänswein (1956). "Ao acender da luz, descobriu uma jaula de ouro: salas escuras, com piso de mármore e móveis pesados, que davam a outras iguais que pareciam não ter mais fim. Reconhecendo no ambiente sinais de desolação, no qual não vira mais do que solidão e isolamento, decidiu no mesmo instante que passaria a viver em Santa Marta e usaria os aposentos somente para reuniões" (IVEREIGH, 2015, p.487)[2]. O passarinho transpunha assim a porta da gaiola e abria as asas. Livre, atravessou a janela para habitar com os outros moradores e hóspedes na Casa Santa Marta. Ali apoiara também ele os pés sobre o lugar real, a partir do qual começaria a traçar os rumos de uma Igreja poliédrica, onde se reúne o melhor de cada um e onde até mesmo as pessoas criticadas por seus erros têm algo a oferecer; uma Igreja samaritana, que deve estar sempre em saída e, tal qual um hospital de campanha, se coloca prestimosa a cuidar dos feridos; uma Igreja cujos pastores e evangelizadores contraem o cheiro de ovelha (Cf. PAPA FRANCISCO, 2013, n. 236, p.133; n. 24, p.21).

[2] Yves Chiron, em seu recente livro *Françoisphobie* transcreve uma fala de Papa Francisco quatro meses depois de sua eleição, dizendo que a razão de ter deixado os aposentos do Palácio Apostólico não era por ser muito luxuoso, mas sobretudo pelo isolamento. Suas razões não eram, nesse caso, de ordem social, mas psicológica (CHIRON, Yves. *Françoisphobie*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2020, p. 56-57).

4 AS CRÍTICAS DE COMBLIN E DE PAPA FRANCISCO AO PODER PASTORAL

As análises de Comblin e Papa Francisco emergem desse lugar real, cientes, porém, de que o homem que dele fala está condicionado pelos limites do tempo e do espaço e que toda análise realizada é passível de futuras ampliações. Ao enviar ao diretor do COPAL suas "Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil", dois anos depois de ter chegado ao Brasil, Comblin o adverte:

> As notas que seguem, são efetivamente bem incompletas. Elas são inevitavelmente inspiradas pelos pontos de vista particulares e limitados de onde elas foram tomadas. Elas não pretendem dar uma visão exaustiva dos problemas. Tais e quais, elas não são entretanto sem valor[3].

Comblin assume esse olhar, consciente de todas as suas implicações. Não é o olhar absoluto daquele que olha de fora do quadro, aos moldes da representação clássica, como se fosse uma substância pensante na qual subjaz um eu universal. Filho do seu tempo, e tendo por mestre Gustave Thils e sua Teologia das Realidades Terrestres, sabe que esse eu pensante é também objeto de análise e que as significações de seus enunciados devem passar pelo crivo da intersubjetividade e esta em relação ao mundo circundante.

As análises de Comblin sobre o poder pastoral, vez por outra denominado também de poder clerical, se encontram mais condensadas no capítulo X da obra *O Povo de Deus*. Esse texto foi redigido aproximadamente quarenta anos depois da abertura do Concílio Vaticano II e retoma a noção cara à *Nouvelle Théologie*, servindo de base a todo o segundo capítulo da Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*). No capítulo intitulado "O Povo de Deus e a Instituição", Comblin mostra as condições históricas em que a Igreja foi se formando e a concepção de Igreja que temos em nossos dias, deixando claro que não havia nenhum projeto inicial, a não ser estruturas muito simples e flexíveis em torno do batismo, da eucaristia, e "a eleição do grupo dos doze com Pedro no centro, como estrutura permanente estabelecida por Jesus" (COMBLIN, 2002, p.354). Sem dar muita atenção ao Novo Testamento, diz ele, foram introduzindo estruturas religiosas próprias ao Antigo Testamento

[3]COMBLIN, José. *Notes sur la situation des prêtres belges au Brésil*. Mallines: Archives da l'Archidiocèse de Mallines-Bruxelles. 1960. Texte dactilographé par l'auteur.

e elementos da estrutura social romana para a organização da Igreja e dos ministérios (Cf. COMBLIN 2002, p.355). No século XX, sob os auspícios do movimento litúrgico e dos estudos histórico-críticos da Bíblia e da Patrística, inerentes à *Nouvelle Théologie*, tratou-se de recuperar o lugar do povo na estrutura eclesiástica, para além da estrutura rígida, clericalista, autoritária e verticalista do Código de Direito Canônico de 1917. No Concílio, suplantada a era dos Papas Pios, interessava saber o lugar do povo na instituição, o enfrentamento dos problemas atuais e dos desafios reservados para o amanhã. Comblin estrutura o capítulo em seis tópicos.

O primeiro apresenta a tensão existente entre dois modelos de Igreja: um que a apresenta como *sociedade perfeita*, constituído por etapas ao longo de aproximadamente oito séculos, e que encontrou sua expressão maior na era dos Papas Pios e no Pontificado de João Paulo II (1920-2005). Este modelo "supõe que o Papa tenha sempre as melhores informações, que seja capaz de definir os objetivos da maneira mais adequada às circunstâncias da complexidade do mundo" (COMBLIN, 2002, p.359). A orientação pastoral que dele decorre é de orientação única e monolítica, gerando passividade tanto do clero quanto dos leigos. O outro modelo foi aquele que renasceu dos estudos desenvolvidos junto aos movimentos litúrgico, bíblico, de juventude, ecumênico, patrístico e da história da Igreja, que é representado pelo tema do povo de Deus. Buscavam num passado muito mais antigo, arcaico como diz o filósofo Giorgio Agamben (1942), a inspiração para pensar o princípio (*arché*) de um tempo que está por vir. Como diz Comblin, "um passado mais antigo nos libertou de um passado mais próximo"(COMBLIN, 2002, p.361). Muito embora a *Lumen Gentium* tenha retomado esse modelo e feito constá-lo numa constituição sobre a Igreja, ela só conseguiu apresentá-lo como princípio abstrato, pois os capítulos seguintes retomam a mesma estrutura do passado recente. O defeito da *Lumen Gentium*, diz Comblin, é ter sido redigido antes da *Gaudium et Spes*, antes de situar o papel da Igreja no mundo (Cf. COMBLIN, 2002, p.361). Seria com vistas a esse papel que se deveria repensar a estrutura da Igreja. Sem ter havido um projeto de evangelização que partisse do terceiro mundo, mostrando a gritante desigualdade social e tecnológica entre os povos, o que se viu foi a volta ao de sempre. No esquema 5 da recentralização operada no pontificado de João Paulo II, os leigos passaram a não defender mais seus direitos e se afastaram. Os leigos reconhecidos e valorizados

passaram a ser aqueles que estão sempre a favor da hierarquia. Nesse contexto, foi relegado à obscuridade o tema da colegialidade.

O segundo tópico trata do tema da liturgia e de sua incongruência temporal. Muito embora tenha havido um grande esforço operado pela Reforma Litúrgica de integrar na liturgia o povo de Deus, somente em parte ele fora assimilado pelo Concílio. Esforço esse posteriormente mitigado, dado que a liturgia ainda é tomada como que separada do mundo histórico e "parece não levar em conta a situação dos povos, dos homens e das mulheres e cada momento" (COMBLIN, 2002, p.369); isenta do sentido escatológico, que conecta os acontecimentos com a caminhada do povo de Deus até a nova vinda de Jesus (COMBLIN, 2002, p.369). Passada a euforia das celebrações inculturadas, Roma, pautando-se certamente em delações de que abusos haviam sido cometidos nesse campo, passou a uniformizar e a controlar a liturgia. Nessa perspectiva atemporal da liturgia, os leigos começaram a não ver mais sentido em sua participação e a abandonar as celebrações litúrgicas, iniciando pela missa dominical. Hoje, participar da liturgia por obrigação não encontra mais eco nas novas gerações.

O terceiro e o quarto tópicos tratam da participação dos leigos no governo da Igreja. Aqui são tocados temas da participação consultiva e não deliberativa dos leigos no Novo Direito Canônico, e consequentemente de uma *aparente* comunhão, dado que não poder deliberar significa efetivamente não comungar. Há uma compreensão de que as decisões da hierarquia são sempre reveladas pelo Espírito Santo, sem respaldo algum no Novo Testamento, o que decorre num desprezo pelo debate e por uma discussão séria que toca a vida das comunidades. Em se tratando das grandes assembleias ou dos sínodos episcopais, os temas mais candentes são praticamente excluídos de toda discussão. Comblin comenta o conteúdo do cânon 212, parágrafo 2º, no segundo livro dedicado ao povo de Deus, o qual alude ao direito dos leigos e leigas de manifestar sua opinião, sem, no entanto, levar em consideração que os que ousam dizer livremente o que pensam estão sujeitos a represálias. O mesmo, se aplica ao parágrafo 3º, que dá o direito de emitir claramente sua opinião a quem está de acordo com a ciência, quem tem a competência e goza de prestígio. A contar o que decorre dessa afirmação, os pobres estão completamente descartados dessa discussão, muito embora tenham "sido os pobres que salvaram a fé de Niceia quando a maioria do episcopado tinha caído num semiarianismo ou num arianismo total" (COMBLIN 2002, p.382).

Segundo Comblin, "se a hierarquia em Trento tivesse escutado os leigos não teria atacado os protestantes com tanta radicalidade; teria buscado os pontos de acordo em lugar de condenar definitivamente" (COMBLIN, 2002, p.383). É no tópico quarto que ele aborda o problema da verdade. Literalmente ele escreve: "a verdade não existe em si mesma nem quando está somente no papel ou nas declarações. Somente passa a existir quando é assumida na mente de seres humanos. Para se transformar em verdade precisa ser acolhida" (COMBLIN, 2002, p. 385). O Povo de Deus pratica o discernimento e a "necessidade da recepção lembra que a hierarquia não é um corpo independente, isolado do povo de Deus. Ela é parte do povo de Deus. Se não expressa o sentido do povo, este opõe [à hierarquia] uma resistência passiva" (COMBLIN, 2002, p.387).

É, no entanto, nos tópicos 5 e 6, que o poder pastoral analisado por Comblin emerge com toda a sua força. Numa reconstituição histórica, baseada em Giuseppe Alberigo (1926-2007), discorre sobre elementos que vão ao encontro das análises das tecnologias do poder pastoral expostas por Michel Foucault no Curso *Território, Segurança, População* (1977-1978) designado pelo filósofo francês como um poder totalizante, sobre todos e cada um (*Omnes et Singulatim*), desenvolvendo tecnologias de dominação, as quais, diz Comblin, transformaram o clero "na polícia da Igreja, cuidando para que todos os batizados frequentassem os sacramentos" (COMBLIN, 2002, p.389). É na segunda parte do quinto tópico que Comblin trata mais detalhadamente daquilo que para Michel Foucault são as tecnologias do poder pastoral, com seus dispositivos de dominação, dentre os quais o sacramento da confissão. Para Comblin, depois de instituída pelo Concílio de Latrão (1215), a confissão passou a fazer com que a pessoa se entregasse totalmente nas mãos do seu "diretor espiritual". Outras estratégias também foram utilizadas: aproximar-se das mulheres para que, por meio delas, fosse possível influenciar os maridos. No século XX, as mulheres foram admitidas nas Universidades, desenvolveram sua consciência crítica como fizeram os homens no século XIX, e deixaram de aceitar a manipulação do poder clerical. Comblin não utiliza a expressão "tecnologias do poder pastoral", mas denomina todo esse mecanismo de submissão de "estratégia clerical" visando à manutenção do poder eclesiástico. Em *Profecia na Igreja* (Cf. COMBLIN, 2009, p. 147-149) ele aborda o movimento das beguinas como emancipação do poder clerical, instaurando um estatuto profético e inusitado no seio da Igreja, expressivamente dos séculos XII ao XIV. Michel Foucault também cita o movimento

das beguinas em seu curso, mas o denomina de movimento de contraconduta (Cf. FOUCAULT, 2008, p. 266), dado que essas *mulieres religiosae* resistiam a serem conduzidas seja pelo clero, pelo pai, marido ou irmão, instaurando um espaço de liberdade não submisso ao poder patriarcal.

O Papa Francisco não precisou de muito tempo para iniciar algumas medidas, visando a uma reorientação dos rumos dados até então à Igreja por seus predecessores. Apesar de ter publicado uma primeira Encíclica, em 29 de junho de 2013, intitulada *Lumen Fidei*, é sabido que ela já havia sido elaborada por Bento XVI. Papa Francisco associou seu nome ao do Papa emérito e acrescentou-lhe um texto introdutório. No entanto, ao comparar esse texto com o de sua primeira Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, saltam aos olhos não só a tonalidade, como também o conteúdo e as referências. Neste documento, o Papa Francisco apresenta as linhas mestras de seu pontificado e os bordões que dariam a direção a ser empreendida na condução da Igreja: em saída, poliédrica, samaritana, como hospital de campanha, por exemplo. Se na *Lumen Fidei* as referências são tomadas da longa tradição (documentos pontifícios, literatura patrística e mesmo filosófica), na *Evangelii Gaudium*, para além das inúmeras citações bíblicas percorrendo todo o texto, é visível o recurso a poucas referências literárias e a doutores da Igreja antigos e recentes. Em sua grande maioria, as citações proveem de documentos conciliares, magisteriais, mas, sobretudo, de documentos elaborados pelas Conferências Episcopais continentais e nacionais e de alguns organismos tais como Pontifício Conselho de Justiça e Paz (*EG*, n. 178, nota 142; n. 182, nota 148) e Ação Católica (*EG*, n.77, nota 62). Referindo-se a esses documentos, o Papa indicava que a tarefa de condução da Igreja não era uma tarefa eminente sua, ou da Cúria Romana, mas de toda a Igreja, em especial, das Igrejas particulares.

No que tange à Cúria Romana, centro nevrálgico do poder clerical – na primeira reunião com os membros das congregações, conselhos pontificais, prefeituras, ofícios e tribunais, ocorrida em 21 de dezembro de 2013, por ocasião dos votos natalícios –, o Papa a comparou a "um pequeno modelo da Igreja, isto é, como um «corpo» que procura, séria e diariamente, ser mais vivo, mais saudável, mais harmonioso e mais unido em si mesmo e com Cristo" (PAPA FRANCISCO, 2014). Não obstante, procurou, por ele próprio e não somente pelo ouvir falar, diagnosticar as doenças que atingiam esse corpo e cujos sintomas já haviam sido noticiados pela imprensa italiana e internacional (como por exemplo os escândalos do

Istituto per le Opere di Religione (*IOR*) e de pedofilia vazados pelo *Vatileaks*) (Cf. CHIRON, 2020, p.59). Como indicadores de um regime saudável, capaz de lhe restituir o vigor, apresentou duas condutas mestras que devem caracterizá-lo: o profissionalismo (que significa competência, estudo, atualizados) e o serviço (do papa, dos bispos, padres, da Igreja universal e das Igrejas particulares). A essas duas características acrescentou uma qualidade imprescindível: a santidade de vida, que requer também um afastamento *delle chiacchiere* (fofocas, bisbilhotices) (Cf. CHIRON, 2020, p. 61). A esse conselho, diz Yves Chiron, ele voltará umas quarenta vezes em seus discursos.

Um ano depois, em 22 de dezembro de 2014, ele lhes apresentará o rol das quinze doenças que têm feito da Cúria Romana um corpo efetivamente doente. Dentre elas, sete são aquelas que parecem atingir mais de perto os pastores e que reforçam a chaga do poder clerical, tão nocivo à saúde do Corpo místico de Cristo que é a Igreja povo de Deus. Ei-las aqui: *o sentir-se imortal*, *o empedernimento (coração de pedra)*, *a planificação excessiva que regula e domestica*, *a má coordenação seguida de mandonismo*, *a divinização dos líderes*, *o acúmulo dos bens materiais* e, por fim, *a obtenção de lucros mundanos e mais poder* (Cf. PAPA FRANCISCO, 2014). Papa Francisco havia classificado em uma única lista o que vários de seus antecessores tinham indicado de um ou outro modo em uma ou outra ocasião. Bastou pôr os pés fora dos aposentos pontifícios, para que as elencasse todas de uma vez. Era o "Acquaviva!", aludido pelo Cardeal Brandmüller, fazendo referência ao pequeno opúsculo publicado em 1600 e intitulado "As doenças da alma", cujo autor foi o 5º Preposto geral da Companhia de Jesus, o Padre Acquaviva! Sem se dar conta no momento da interpelação do Cardeal, refletindo sobre ela um pouco depois, o Papa Francisco se lembrou de que fora impregnado desse opúsculo no tempo da formação e que, inconscientemente, havia se inspirado nele. No que diz respeito à cura, diz o Papa, ela é fruto de "conscientização da doença e da decisão pessoal e comunitária de se curar, suportando, com paciência e perseverança, o tratamento" (PAPA FRANCISCO, 2014). Em 21 de dezembro de 2015, ele passou a lhes apresentar os "antibióticos curiais", como ele gosta de chamar as 12 virtudes que são elaboradas a partir do acróstico MISERICORDIA, em italiano: **M**issão e pastoral, **I**doneidade, Espiritualidade (**S**piritualità), **E**xemplaridade, **R**acionalidade, **I**nocuidade e determinação, **C**aridade e verdade, Honestidade (**O**nestità), Deferência (**R**ispesttuosità), Generosidade (**D**oviziosità), **I**mpavidade, **A**fabilidade. Em 22 de dezembro de 2016, ao lhes falar de improviso, volta ao

tema das doenças curiais e dá de presente a cada membro uma edição italiana da obra do Pe. Acquaviva. Em seguida, diz com certa ironia: "talvez isso possa ajudar!" (CHIRON, 2020, p. 67).

5 CONCLUSÃO

Poderíamos seguir com outros temas, além da Reforma da Cúria Romana, que mostram as iniciativas do Papa Francisco para interceptar as tecnologias e estratégias do poder pastoral e patriarcal, incrustadas nas estruturas da Santa Sé das Igrejas particulares. O convite ainda tímido para que as mulheres possam ocupar postos de decisão e a abertura para tratar de temas antes considerados tabu, como ordenação de homens casados e diaconato feminino, são pequenos passos que incentivam as Igrejas particulares, e, também as paróquias, a partirem para o diálogo e para atitudes que interceptem aquilo que tem sido o maior entrave à evangelização: as relações de dominação, particularmente da dominação clerical. Em *A Liberdade Cristã* Comblin fala do evangelho da liberdade proclamado por Jesus e seu embate com os escribas e fariseus. Sabia que sua maior tarefa se situava ali, onde as estruturas de poder eram as mais sutis e as mais dominadoras, pois atingiam a consciência por meio de um discurso bucólico, como são geralmente as passagens bíblicas referentes ao pastor. Jesus rompeu com todas as estruturas de dominação e de discriminação: ao binômio amigo-inimigo, ele instaurou a relação irmão-irmão, filhos do mesmo Pai, a quem chama de Abá (Cf. COMBLIN, 2010, p.116). Comblin, tal qual Papa Francisco, sabe que as mudanças nas estruturas são incapazes de mudar as relações de morte em relações de vida se não houver nelas uma mudança efetiva nos corações de homens e mulheres (Cf. COMBLIN, 2010, p.125-126). E é nesse sentido que ele insistentemente procura, tal qual o Papa Francisco, colocar Jesus no centro e não o Direito Canônico, e muito menos a Cúria Romana! Assim, creio que tanto Comblin quanto o Papa Francisco não têm encontrado resistências propriamente ditas às suas ideias, mas são eles os grandes resistentes, no sentido foucauldiano, aos tentáculos do poder pastoral. E, guiados pelo Espírito, tanto um como outro nos convidam com muita insistência, no espaço real para além da janela, a moldarmos nosso modo de ser ao modo de ser de Jesus, Este sim o Bom Pastor (Jo 10, 1-21).

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES e outros**. Les Mots et les Choses de Michel Foucault**: regards critiques (1966-1968). Caen: IMEC, 2009.

BELLOUR, Raymond. Michel Foucault, les mots et les choses. In ARTIÈRES e outros. **Les Mots et les Choses de Michel Foucault** regards critiques (1966-1968). Caen: IMEC, 2009, p.43-47.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. 2ª impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

BURGELIN, Pierre. L'Archéologie du Savoir. In ARTIÈRES e outros. **Les Mots et les Choses de Michel Foucault** regards critiques (1966-1968). Caen: IMEC, 2009, p. 221-245.

CHAPSAL, Madeleine. La plus grande révolution depuis l'existencialisme. In ARTIÈRES e outros. **Les Mots et les Choses de Michel Foucault** regards critiques (1966-1968). Caen: IMEC, 2009, p. 59-64.

CHIRON, Yves. **Françoisphobie**. Paris: Du Cerf, 2020.

COMBLIN, José. **Notes sur la situation des prêtres belges au Brésil.** Mallines: Archives da l'Archidiocèse de Mallines-Bruxelles. 1960. Texte dactilographé par l'auteur.

COMBLIN, José. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COMBLIN, José. **A Liberdade Cristã**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

D'ORMERSSON, Jean. Passage de l'homme ou les avatars du savoir. L'archéologie des sciences humaines de Michel Foucault. In ARTIÈRES e outros. **Les Mots et les Choses de Michel Foucault** regards critiques (1966-1968). Caen: IMEC, 2009, p. 201-220.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Curso ministrado no *Collège de France* (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

IVEREIGH, Austen. **El gran Reformador**: Francisco, retrato de um Papa Radical. Traducción de Juanjo Estrella. Buenos Aires: Ediciones B., 2015.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Travessias**: padres europeus no Nordeste do Brasil (1950-1990). Recife: CEPE, 2019.

MUGGLER, Monica. **Padre José Comblin**: uma vida guiada pelo Espírito. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2013.
OTTAVIANI, Edelcio Serafim; FREZZATO, Anderson. **Teologia a Marteladas.** Parallelus, Recife, v. 9, n. 22, set/dez 2018, p. 597-619.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana para a troca de bons votos de Natal** *(22 de dezembro de 2014*). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html>. Acesso em 10 de junho de 2021.

REVAOULT D'ALLONNES, Olivier. Michel Foucault: les mots et les choses. In ARTIÈRES e outros. **Les Mots et les Choses de Michel Foucault**: regards critiques (1966-1968). Caen: IMEC, 2009, p. 145-171.